

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO III LISBOA, 20 DE AGOSTO DE 1918 N.º 52

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO ... 1.410 ESTRANGEIRO
SEMESTRE ... 710 ANO..... 3.400
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

O EMPRESTIMO PARA AS ESTRADAS

ANUNCIA-SE que o governo vae contrair um emprestimo de 2.000 contos com a Caixa Geral dos Depósitos, para a conclusão da nossa rede de estradas.

E' uma medida de tão elevado alcance, que nos abtemos de engrandecel-a.

Toda a gente sabe que a rede de estradas do nosso paiz é a coisa mais imperfeita, mais incompleta e mais aleijada que possuímos.

Ha estradas de ligação de provincias, de grandes regiões e de cidades a vilas importantes, com meia duzia de kilometros por concluir, ou com um pontão sobre uma ribeira, por fazer. Tudo isto porque a politica de A não se interessa, ou porque o B, lhe põe entraves, n'uma luta mesquinha de interesses partidarios.

Outro grande mal foi tambem o ter-se iniciado estradas, apenas com a verba para trez ou quatro kilometros —quanto bastava para ganhar a eleição — e uma vez dispendida, nunca mais se pensava na estrada, que ficava por concluir e abandonada ao serviço particular das propriedades ruraes.

Fomos sempre partidarios da passagem do serviço de estradas para uma direcção autonoma, que podia ser anexa á Repartição de Turismo, a entidade mais interessada n'esse serviço, e aquella que podia fazer novas construcções e reparações sem que a politica se viesse meter de permeio.

Com um emprestimo de 2.000 contos, far-se-hão á vontade 1.000 a

1.500 kilometros de novas estradas, o que equivale a dizer, um progresso consideravel para o complemento da nossa aleijada rede de estradas.

Não ousaremos lembrar que deve ser esta ou aquella estrada dotada, pois que, com tão elevada quantia, todas as provincias podem ficar largamente dotadas, e dentro em pouco as estradas de macadam irão findar no seu logico terminus, com grande proveito da viação nacional.

Deve, porem, atender-se ás necessidades de cada região, e não á influencia nefasta dos politicos.

E' certo que com tão elevada verba, na actualidade, não se conseguirá o que depois da guerra se poderá fazer, mas deve-se dar desde já inicio aos trabalhos nas estradas mais importantes e nas mais urgentes.

A distribuição de dotações, deve ser feita com criterio, e confiada ás Direcções de Obras Publicas de cada districto, com o encargo de dar os trabalhos prontos, até dois ou tres anos depois de assignada a paz, com a nota rigorosamente expressa de não se desviar um centavo para qualquer obra extranha; pois é sabido que uma das causas da deficiência das estradas, é as Camaras Municipaes desviarem constantemente, do seu fundo de viação, verbas importantes para cemiterios, chafarizes e outras obras do municipio.

Como já dissemos, não queremos, principalmente agora, lembrar que se deve primeiro atender a esta ou aquella estrada, mas uma boa medida economica é acabar as estradas começadas e fazer pequenos lanços de acesso aos caminhos de ferro, porque, como

muitos teem do Estado garantia de juro, logico é arranjar trafego a essas linhas, para que entrem em breve no periodo de reembolso, deixando assim margem ao Estado de poder garantir novas linhas, com o que muito ganhará a vida economica e turistica do nosso paiz.

Uma vez, porém, distribuida a soma do emprestimo, as estradas, nacionaes e distritaes, devem passar, como já dissemos, para uma Direcção autonoma, que terá a seu cargo não só a construcção de novas estradas, além d'aquelas para que a verba de emprestimo for distribuida, mas sobre tudo as reparações, organizando um serviço completamente novo, e em que *todas os funcionarios* trabalhem, e aos cantoneiros seja dada uma area mais pequena e compativel com as suas forças, para terem a estrada sempre reparada, e os seus honorarios sejam elevados, de forma a que sejam dispensados de andar pelas propriedades ruraes a trabalhar para ganharem para comer.

D'esta forma elevar-se-hia, consideravelmente, a verba para ordenados de cantoneiros, mas fazer-se-hia descer muito abaixo as grossas somas destinadas ás grandes reparações que pelo desleixo d'estes funcionarios ha necessidade constantemente de se fazer.

Com a verba que o Estado dispende para o serviço das estradas, e com um justissimo imposto que se lançasse sobre toda a sorte de vehiculos, principalmente automoveis, teriamos uma rede de estradas que daria honra e importancia ao nosso Paiz.

O TURISMO EM PORTUGAL

EM Portugal — triste é dizel-o — apenas duas coisas importam á humanidade pensante: a politica, que hoje em dia toda a gente aprecia e discute, sem que, na grande maioria, d'ella alguma coisa perceba; e o commercio, em que, de resto, todos, actualmente, se querem inmiscuir, mas de que sómente beneficiam os commerciantes, porque os outros apenas se arrogam uma irritante pretensão.

Fóra d'esses dois viciosissimos campos, pouco, ou nada mais, interessa ao bom portuguez. A industria está, na generalidade, decadente, por falta de materia prima. A agricultura sente-se rachitica por carencia dos naturaes tonicos' p'otecionistas que a deviam desenvolver. As artes estiolam-se e estiolam quem se mete a cultival'as.

As letras... essas, então, nem merece a pena falar-se d'elas. Agora só as tretas vingam. Simplesmente as finanças se multiplicam nos cofres cuidadosamente preparados para as necessarias operações. E isso é o essencial.

Ha dinheiro a rodos nas bolsas dos felizes; e esses são hoje os que dicam as leis e em si absorvem os poderes maximos das forças vivas da nação.

E' claro que essa gente só pensa no presente, porque... o futuro a Deus pertence. E, sob esta divisa, cada qual trata de se arranjar — que é como quem diz — de arranjar as suas finanças o melhor que lhe é possível, para não se vêr em embarços no tal futuro, que é uma incognita.

Precisamente o contrario do que nos acontece.

E' o caso de se aplicar a fabula da *cigarra e da formiga*.

Pois nós somos a «cigarra», e assim não nos resta a minima duvida de que um dia viremos a morrer de fome e de cansaço. De fome, por não comermos; de cansaço, por cantarmos de mais...

Mas, no dia de juizo, nós iremos para o Céu, em companhia da nossa *tranquilla* consciencia; ao passo que os outros, talvez não tenham acompanhamento algum para a sua ultima jazida, porque aos herdeiros não deve chegar o tempo só para contarem os papelinhos que o Banco de Portugal está continuamente fabricando.

Estas considerações mostram palidamente o estado de desalento em que nos encontramos, sobre o que será o nosso futuro, e em vista das

manifestações que, presentemente, se pronunciam na vida portugueza.

O que pensará toda esta gente do porvir? Que garantias de vida, de prosperidade; se desenhnam para imprimirem um tão pavoroso estado de inconsciencia.

—??!?!.

O resultado do estudo da sociedade portugueza no presente momento é, ou deve ser, simplesmente desolador!

E, assim n'estas circunstancias, que podemos falar do desenvolvimento de turismo no nosso Paiz?

Quem se afoita a tal? Quem visa semelhante coisa?

Ha alguém que com uma força que não pode ter, pretenda impôr-se á onda avassaladora que tudo vae perturbando, que tudo vae arrastando na furia desordenada d'um radical devastamento?

Ah! pobre Paiz! Tanto e tanto tinhas para seres o que infelizmente não és; para gosares uma situação que ninguem procura estudar; para seres o primeiro entre os primeiros; e, no final de contas, vaes tanto atraz dos outros, que te perdes na bruma acinzentada do infinito.

O nosso espirito não podia deixar de resentir-se das condições que nos cercam. Temos reagido tanto quanto é possível aos contagios malignos do meio em que vivemos, mas por isso mesmo que sabemos ainda onde estamos, reservamos o pouco que nos resta das nossas forças para as empregarmos, com toda a vitalidade que ainda possuímos, quando um dia pudermos convencer os outros da razão da nossa passada luta.

Se, então, ainda fôr tempo, applicaremos o que no nosso propositado refugio, muito longe do doudejar infrene em que se debate a sociedade portugueza, temos aprendido com os outros que, menos sabios mas mais espartos, teem preparado o terreno para a futura colheita, d'onde lhes virá a sufficiente compensação para os estragos que estão soffrendo presentemente.

Eseas lições, veem-nos da França, a mais sacrificada de todas as nações em guerra, a mais subjugada ao pezo da maior hecatombe que ha quatro anos vem consecutivamente martyrisando a sua vida, os seus filhos, os seus haveres!

E' ahí, principalmente, n'essa grande nação, que o nosso entendimento tem achado campo de observação; que a nossa intelligencia tem seguido o mo-

vimento herculeo dos bravos da frente e da rectaguarda; que a nossa admiração se tem pasmado ante a obra grandiosa em que se irmanam os esforços d'um povo simplesmente exemplar. Sim; porque, se em face do inimigo a alma franceza se vae alentando com o fragor das incessantes refregas, na rectaguarda, ella incensa-se na humanitaria senda de preparar uma reconstituição rapida, uma reparação immediata dos prejuizos soffridos. E ao mesmo tempo que o futuro economico d'essa admiravel nação vae sendo cuidado com um extraordinario carinho, com uma abnegação tão original que até nem parece que outras e fundas preocupações atormentam o espirito francez, ella prepara um repouso condigno para os que puderem contar, pelo testemunho proprio, os episodios d'esta sangrenta lucta.

Oh! não batesse dentro d'aqueles peitos um coração francez!

JOSÉ LISBOA.

Humberto de Athayde

NOTICIARAM os jornaes a morte do valoroso militar sr. Humberto de Athayde Ramos de Oliveira, irmão do nosso muito querido amigo e muito illustre Director da Reparação de Turismo, sr. Dr. José de Athayde.

O lance tragico d'esse passamento, que deixou na maior angustia a familia do finado, feriu grandemente o coração d'aqueles que tanto o estimaram pelas suas excepcionaes qualidades.

Humberto de Athayde era já um vulto de destaque na sociedade portugueza, pois embora de pouca idade, a sua muita vasta illustração ao serviço d'uma culta intelligencia, grangeou-lhe um lugar de merecido relevo.

Deplorando vivamente a alucinação do intrepido soldado, endereçamos á sua illustre familia e em especial ao sr. Dr. José de Athayde, a expressão sincera do nosso sentido pezame.

Estando-se a proceder á cobrança das assignaturas do 1.º semestre do corrente ano, rogamos aos nossos estimaveis assignantes a fineza de satisfazerem os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

COISAS NOSSAS

CONTINUEMOS em doses fracas, que as verdades são quasi sempre amargas...

Em frente ao Largo de Santa Barbara, hoje, 28 de Abril, fez-se uma ligação para a Avenida Almirante Reis. Fez-se?—Não. Abriu-se, ha longos meses; mas não está facultada ao publico. Quando se facultará?... Nem seis meses depois da guerra!

No mesmo largo, fronteiras á tal malfadada arteria existem os mais deploraveis e mesquinhos casinhotos, que uma cidade civilisada pode anichar em seu tolerante seio. Arrasados —são de infimo valor—dariam um recinto bellissimo para uma escola, por exemplo.

Mas quem pensa n'estas ninharias?...

A rua que uma edilidade conspicua dedicou ao egregio romancista, que se chamou Camilo Castelo Branco, é d'uma importancia extremamente infima. Ligará a Avenida Fontes (este sim, teve as honras d'uma avenida primacial, foi politico; depois começaram a chamar-se pulhíticos) ao antigo largo de Santa Marta. Ligará?!... Quando?...

«Falo, ninguém me responde; olho não vejo ninguém!»

Pobre Camilo! Valia mais do que todas as juntas de edis!...

Até depois da morte é deplorativamente infeliz!...

No Bussaco, no Gerez, em varias praias e thermas, tenho visto «lembranças» d'essas estancias: Suissas, «boches», austriacas... de toda a parte menos de Portugal!

E' consolador!...

Artigos de madeira, suissos, tinham no Gerez, com um desplante perdido, as palavras «recordação do Gerez». Nas Pedras Salgadas, o mesmo, etc. etc!...

Para quê insistir? E' um facto geralmente sabido, mas absolutamente condenável.

Rafael Bordalo Pinheiro, o mais glorioso, o mais fértil e, tambem, em vida, o mais turibulado dos artistas nacionais, legou á madrastra Patria mais de 5.000 modelos originaes, preciosísimos, de ceramica, com um cunho authenticamente portuguez. D'esses 5.000 modelos, algumas centenas são de peças pequenas, perfectamente adaptaveis a «lembranças» de terras portuguezas, para os nacionaes; de Portugal, para os estrangeiros. São

genuinamente portuguezes, visto o seu auctor ter sido um portuguez... e dos melhores; e porque em toda a sua obra o cunho portuguez tem um realce inconfundivel, belo e nobre.

As filigranas de prata e ouro são típicas, geralmente apreciadas pelos estrangeiros, que muito valor dão, tambem, á «loicha das Caldas».

Os pastores da Serra da Estrela fazem as colheres e os garfos, com que comem, imprimindo-lhes graciosas formas, regionaes, portuguezissimas. E quantos objectos mais podem executar!...

Ha cestos curiosos, e varios artefactos de vime e verga nacionaes. Refiro-me a modelos pequenos; e ha tantissimos outros espécimens de industrias locais, perfectamente applicaveis a «recordações»!...

Quando se resolverão os famosos comerciantes das nossas praias e thermas, e bem assim de todos os centros populosos, incluindo os cidadãos, a fornecer «lembranças» genuinamente portuguezas aos seus clientes?

Maldita avidéz do lucro, conjugada com uma ausencia flagrante de patriotismo.

Lisboa dá-se ares, quer ombrear com as capitaes dos paizes civilizados, mas os gatos lazarentos contam-se por centenas, principalmente em certos bairros; os cães vadios vagueiam ao lambisco dos barris do lixo, em caravanas; os carroceiros galopam ao desafio, ou por simples prazer, nas barbas policiaes; os maus tratos aos animaes são constantes e confrangentes, com tacito consentimento, senão com aprazimento, das ditas venerandas barbas; a mendicidade é uma coisa pavorosa, insistente, inextinguivel, graças ao desleixo das auctoridades, e ao pessimo costume indigena de a desenvolver com os *dérreizinhos* da esmola esteril. Nos jardins e parques publicos arrancam-se as flores e até os arbustos, com uma desfaçatez revoltante proclamando o povinho,—isto é nosso—na sua completa ausencia de educação cívica, conhecendo só o que julga *os seus direitos*, mas ignorando o que sejam *os seus deveres*; roubam-se os ferros dos mictorios, as campainhas e os puchadores das portas, os assentos e costas dos bancos. —Só no Campo Grande foi forçoso substituir uns quinze!

Com o que este homem vem á

feira!—dirão criticos de polpa. Coisas tão velhas e tão sabidas! E' certo, mas, ainda existentes na sua revoltante ostentação!

Para fazer turismo, a valer, urge acabar com estas e outras mazélas.

CRUZ MAGALHÃES.

UM NOVO HOTEL EM GOUVEIA

VAT em breve abrir-se em Gouveia um novo hotel, n'um edificio acabado de construir para esse fim, e que é dotado de varios melhoramentos exigidos modernamente em hoteis, como seja a agua corrente e a luz electrica.

O novo hotel fica situado, na Praça Vasco da Gama, o coração da vila, e estrada da Serra da Estrela e tem umas linhas architectonicas elegantissimas se bem que muito simples.

Damos por este facto os parabens aos devotados da causa serrana, pois que ficam com um magnifico hotel para alojar e servir os turistas que se dirijam á Serra da Estrela. N'uma das tojas do edificio, no estabelecimento do sr. Martins Ribeiro, secretario da Sociedade de Propaganda da Serra da Estrela vae ser montado um posto de informações da Serra da Estrela, o que sem duvida grandes facilidades vae promover ao turismo. Anexo ao hotel ha garage com automoveis de aluguer.

A inauguração do hotel, cujo mobiliario está a caminho e é do mais moderno, deve realizar-se dentro de um mez ou dois.

O SEGUNDO CONGRESSO DA SERRA DA ESTRELA

REALIZA-SE no proximo dia 25 na Serra da Estrela o congresso anual que a Sociedade de Propaganda da Serra da Estrela, no ano passado iniciou com grande exito.

O Conselho de Turismo, far-se-ha representar pelo seu presidente e secretario, srs. Dr. Magalhães Lima, e Dr. Athayde e a *Revista de Turismo* será representada pelo nosso redactor-principal. Outras entidades, ao que nos consta, se farão tambem representar.

No proximo numero nos referiremos, e largamente, ao congresso.

Na nossa administração, Largo Bordalo Pinheiro, 28, se encontram á disposição dos srs. assignantes copias artisticas para encardernar o 1.º e 2.º anos da *Revista de Turismo*, que vendemos ao preço de 1820, cada uma, sendo o pagamento adiantado, só assim sendo o volume mu-

FITAS PORTUGUEZAS

EM GUIMARÃES E EM BRAGA

(Continuação)

PARTIMOS do Porto pela manhã, uma linda e macia manhã de abril. A primeira detença era em Guimarães. Mas custou a chegar lá, porque o operador, a cada momento, via paisagens interessantes. Sobre tudo os açudes do Ave e do Vizela, interessaram-no: *Très jolie! Très jolie!* exclamava ele a esmo, ante aquela paisagem doce que o comboio, qual animatographo, ia lentamente desenrolando.

Em Guimarães, fomos recebidos pelo sr. Domingos Pires, que toda a gente conhece como um dos mais amáveis hoteleiros do paiz, que jámais nos deixou enquanto nos demorámos na interessante e fabril cidade do Norte.

A igreja de S. Torquato, com as suas torres esguias, o castelo com as grinaldas de videiras, que o cercam e cuja folha começava a romper dos ramos nus, passaram pela machina como



UM TYPO MINHOTO

um dos mais interessantes e curiosos aspectos do Portugal antigo, mas, a queda, como já disse de René Moreau eram os typos, e o sr. Pires, sabendo da sua predileção, levou-nos a uma fabrica de louça de barro, onde uma dinastia de oleiros, trabalha ha mais d'um seculo, e cujas infusas de barro

puroso, teem dado, de beber a toda a provincia.

R. Moreau exultou de satisfação, quando o nosso amavel cicerone nos conduzia a todas as dependencias da pequena fabrica, que se acha, como ha um seculo talvez, n'uns pobres baracções dentro d'um acanhado quintal. Mas como o fabrico era curioso, o operador quiz que ele ficasse largamente registado na fita, desde a amasagem do barro á cozedura e á condução para o mercado.

Os representantes da dinastia oleira prestaram-se da melhor vontade, e a operação começou depois de tudo devidamente ensaiado, correndo magnificamente.

Varias passagens houve no trabalho, que por certo vão causar sensação n'aquelles que jámais fizeram uma ideia de como se faz um d'esses pucaros bojudos, que são a delicia dos festeiros abrasados de calor, nas poeirentas romarias do Norte.

A primeira, é a feitura do pucaro. O oleiro põe uma bola de barro sobre uma roda horizontal, que faz girar com o pé, rapidamente, como a mó d'um moinho; depois, *puxa-lhe as orelhas*, ela eleva-se, e no forte rodopiar do rodizio, a bola vae tomando a forma d'um vaso de mangericos. Seguidamente, por dentro, com a pressão do punho fechado, faz-lhe a barriga; e depois, com o gesto rapido, como quem assõa o nariz, faz-lhe o bico.

A segunda, é a condução da louça já cosida para o mercado ou para o caminho de ferro. Um homem mete na cabeça e sobre os hombros, um açafate de proporções enormes, e o oleiro atira-lhe para dentro com a louça como se ela fosse de borracha; e quando os ultimos pucaros chegam ao cimo, o moço parte, quasi sem ver o caminho e... se ele tropeça lá se vae em cacaria o pão d'um dia d'aquella gente.

No dia seguinte partimos para Braga, e não sei quantas eternidades gastámas n'essa via dolorosa. Havia feira em Guimarães, e a estrada coalhava-se por vezes de camponios em trages domingueiros, que vinham á cidade fazer compras ou vender bois, que graciosas raparigas guiavam como quem conduz um simples cordeiro.

Ao chegarmos ás Caldas das Taipas, já tinhamos gasto mais do tempo que era preciso para a viagem a Braga.

O cocheiro já bocejava, porque via Braga muito longe, e por aquele andar e com tanta demora, o seu almoço tornar-se-hia em jantar.

Mas o operador é que não estava pelos ajustes. Tinha ali vindo para tirar fitas, e que se importava ele com o almoço, e com os azedumes do cocheiro!

Na estrada um camponio passava, caminhando com lentidão e levando ao hombro a enchada. Um grito ao cocheiro e vamos á operação. O homem não queria, nunca na sua vida tirara o retrato, agora depois de velho, nada, nada.

Mas nós insistimos, e depois de muito instado lá consentiu, fumando o seu cigarro e encostado á enchada, que tinha sido certamente, em toda a sua vida, o seu melhor arrimo.

Mais adiante, á porta de uma casa toldada de parras, uma mulher fiava o seu linho com o neto ao lado, comendo o caldo de couves, enquanto a filha, uma raparigaça de trança loura como o milho maduro, e de seios rigidamente apertados no corpete largo,



OUTRO TYPO MINHOTO

dobava algodão n'um sarilho. Novo compasso de espera, nova meia hora de comparsaria e de operação.

Quando chegámos ao Bom Jesus, o nosso objectivo, batiam na torre, duas horas da tarde, para nós tão lentas e tão esfomeadas!

Os hoteis tinham muita gente e os hospedes, entre os quaes muitas senhoras e crianças, garridamente vestidas, vieram para os jardins, escadarias do Santuario e para o lago fazer grupos e passear, dando assim áquele delicioso recinto de verdura, o aspecto d'uma grandiosa e rica estancia de prazer.

GUERRA MAIO

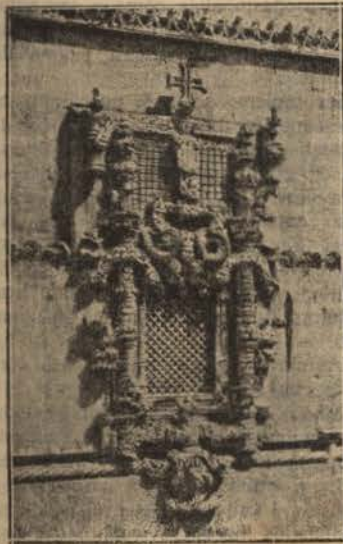
Vandalismo no Convento de Christo

CHEGA-NOS tristemente a noticia que o famoso convento de Thomar está sendo alvo dos mais hediondos barbarismos. Por uma conveniencia qualquer, foi ali instalado um regimento de infantaria—coisa que os governos de outr'ora sempre pouparam—e os soldados nas horas vagas entreteem-se a atirar pedradas ao alvo, lapidando assim todos os ornatos do famoso mosteiro.

Isto já ha muito, segundo nos informam, se vem fazendo, sem que pesoa alguma se tenha oposto a tão criminoso vandalismo.

Agora, perguntamos nós, com que direito são aquartelados em monumentos nacionaes regimentos sem o respeito que deve merecer uma tão artistica obra que evoca um passado glorioso que todos veneram? Que faz a cidade de Thomar, que deixa assim inutilisar o unico atractivo turistico que possui, e que representa para os filhos d'essa terra um motivo de orgulho?

Certamente, no habitual marasmo de *deixa andar*, não consentindo em tão grande selvageria, e só quando todos os rendilhados de pedra, que ornam a



janela da casa do Capitulo, forem esfaceladas pela mão destruidora da ignorancia, é que acordarão a protestar. E para isso não será longe, mas será tarde, pois a figura do marinheiro que faz parte dos relevos da famosa janela já cahiu aos bocados na lapidação destruidora.

Recomendamos o caso á Sociedade Propaganda de Portugal e á Comissão de Melhoramentos Nacionaes.

**O PORTO
E SEU PROGRESSO**

E' sabido que de ha anos veem vindo os vereadores que se tem revisado na Camara Municipal do Porto, porfiando, com o muito patriotismo que anima, em geral, todos os filhos d'aquela bela e linda cidade, em melhorar-lhe as suas condições higienicas e de estética, acabando com os arruamentos e vielas tortuosas e imundas, que não raro tem sido causa de epidemias a dentro dos muros da historica cidade.

Largas e extensas avenidas se tem aberto e po-

o edificio projectado no eixo das duas praças já citadas.

Para o edificio da Camara abriu-se um concurso a que se apresentaram apenas dois projectos, em vista das condições d'esse concurso não serem adequadas a chamar concorrentes. Seja como fôr, o que é certo é que causou geral impressão de agrado o bello projecto apresentado pelo sr. Edmundo Tavares, distincto architecto da Camara Municipal de Lisboa, projecto que reproduzimos em perspectiva, e que será pena se não fôr construido, pois pela



voado de bonitas vivendas; sendo ocioso, agora, mencionar todos os melhoramentos introduzidos, pois que o nosso intento é, apenas, o de falarmos da nova avenida da Cidade, projectada pelo engenheiro inglez Barry Parcker, e dos projectos para o novo edificio da Camara Municipal, que deve ser erigido no topo d'essa avenida, que começa na Praça da Liberdade e deve terminar na da Trindade.

O traçado da nova arteria é completamente diferente do de todas as avenidas que conhecemos. Só no primeiro troço vai em recta. Depois segue em linha obliqua, á direita e esquerda, até formar um espaço mais largo, que é onde deve ser edificada a Camara Municipal, para depois obliquar até á Ptaça da Trindade, ficando

suas imponentes de linhas, deve fazer um efeito maravilhoso no alto de uma bela avenida, como a projectada na cidade do Porto.

Um novo edificio para a Caixa Geral dos Depositos

A Direcção da Caixa Geral dos Depositos propoz ao Governo, a cedencia do edificio da Boa Hora, para ali construir a sua séde.

Rejubilamos com o facto, não só por ter Lisboa mais um edificio moderno e grandioso, como tambem por vermos desaparecer o ignobil pardiouro da Boa Hora servindo miseravelmente de Palacio da Justiça.

ARTE E LITERATURA

EÇA DE QUEIROZ

POR GUERRA MAIO

FEZ, ha dias, desoito anos que se finou em Neuilly, arredores de Paris, o extraordinario vulto da literatura nacional, Eça de Queiroz.

O que se tem passado sob o seu nome, no nosso meio literario, desde essa triste tarde de agosto, é alguma coisa de estranho e consideravel. A obra postuma do grande escriptor é tão vasta, comó aquella que ele na vida reviu nos seus infundaveis burlados, com o cuidado e o carinho com que um bom cinzelador molda, até ao fim a sua obra.

As edições dos seus livros succedem-se. Nenhum da primeira tiragem se encontra nas livrarias, tendo já algumas obras atingido seis e oito edições. E isto pondo de parte as edições clandestinas que no Brazil se tem feito.

Eça de Queiroz, não era um auctor popular. Os devoradores de folhetins de jornal, não são capazes de ler-lhe uma pagina, e a grande massa de leitores que se deliciam com romances de situações, não conseguem saborear-lhe um capitulo.

No entanto, a obra de Eça divulga-se, estende-se a todas as bibliothecas de gente culta, e no Brazil a admiração pelo grande escriptor desaparecido, é tão elevada, que uma Associação literaria reúne os devotados do illustre estilista.

Eça de Queiroz, tinha, como o seu grande amigo Gustavo Flaubert, um grande desprezo pelas turbas, e as suas relações pessoais reuniam-se em torno de meia dúzia de amigos, a quem communicava, pela conversa, pela convivência, os fulgores geniaes da sua vasta intelligencia.

Nunca amou, nem creou popularidade, vivia recolhido e alheio de tudo o que lhe podia dispensar reclame, sem que por isso deixasse de ser alvo das mais asperas criticas dos escriptores do seu tempo. Camilo, nos seus habituaes azedumes, muitas vezes lhe atirou a mais acerba das criticas. Fialho tambem não o poupou. Pinheiro Chagas, — que Eça tinha nas letras como um camarada leal, — tentou amarrá-lo quando a *Reliquia* foi a Academia, para marcar uma cadeira para o seu auctor.

No entanto Eça de Queiroz olhou sempre para a critica com um ar de facil superioridade. Não o atingia, ou para melhor, não se julgava atingido, e, sempre rindo com uma ironia leve, deixava-a passar sem um remoque, sem uma resposta.

Eça de Queiroz, foi o maior demolidor dos costumes e das pieguices romanticas do seu tempo, e a sua critica, por vezes aspera mas educativa, levava sempre no amago, a ideia de corrigir, de emendar.

Supõem muitos, ao ver como ele poz em foco a mulher portugueza, que não passava de um simples má-lingua e de um depravado. Puro engano. Eça adorava a mulher, e sobre tudo a mulher portugueza; e para se avaliar, é ver como ele a castiga, e como a eleva. Entre a Condessa de Gouvarinho e a Joanhinha, da *Cidade e as Serras* existe um paralelo; d'um lado a estercica, conselheiresca, d'outro a docil, a casta, a santa mulher portugueza, educada no seio da sã familia das Serras, sem leituras de Belot, sem as theatradas de volupia e de corrupção.

Supõem outros que ele minado pela doença, desencadeava nas paginas dos seus livros todo a sua bilis. Outro erro! Eça de Queiroz manteve até a morte um extraordinario bom humor; a ponto de Magalhães de Lima, um dia em que abatido pela doença o ouviu falar com alegria de Portugal, lhe admirou o bom humor.

—E' o que me vale. E falando depois d'um livro que acabara de publicar, respondeu assim a um elogio de Magalhães de Lima: —Sim gosto d'ele, mas se fosse agora, tinha-o modificado, tinha-lhe dado outra forma.

E até na hora extrema da vida, Eça manteve o mesmo bom humor a mesma alegria ironica; e quando a doença se manifestou para o extinguir, o medico chamado á pressa, admirou-se de ver tanta vivacidade n'um corpo a desfazer-se, ao que Eça respondeu, a desculpar-se...

— *Nous sommes ici là bas...* Momentos depois, extinguiu-se para sempre.



A obra de Eça de Queiroz, divulga-se largamente no estrangeiro; assim na vizinha Hespanha, tem-se feito edições de quasi todos os seus livros, que se vão estendendo ás republicas latinas da America do Sul, deixando em torno um forte ambiente de admiração.

Em França, na Inglaterra, na Hollanda, na Suecia, na Noruega, em quasi todos os paizes da Europa, o nome de Eça é conhecido e admirado, como um dos mais fulgurantes talentos da literatura mundial.

Mas, se os nossos representantes diplomaticos e consulares, cuidassem mais do seu Paiz, era na literatura que tinham um grande campo de divulgação da nossa terra, porque um Paiz só vale pelo que pensa e pela arte que produz.

Tambem a historia de Eça não está feita. Tres livros appareceram.

Velhaco o primeiro, mediocre o segundo e incompleto o terceiro.

Velhaco, o do sr. José Agostinho, que n'uma centena de paginas de estylo forçado, e sem brilho, quiz amarrar o genio e a obra de Eça. Ninguem lhe respondeu. O livro rolou para a indiferença sem que produzisse o seu efeito.

Mediocre, o livro do sr. Antonio Cabral, modesto aliás como o seu autor justamente o classifica, sob a sua vera-efigie na derradeira pagina do volume.

Incompleto, se bem que muito interessante, o folheto do sr. Alfredo de Carvalho, sobre a primeira fase literaria do grande escriptor. Mas se a leitura leve e flexivel nos delicia, o ultimo capitulo causa-nos horror! Que ideia tão infeliz a do sr. Carvalho, querer encontrar hoje, nas ruas de Leiria, os typos creados pelo Eça, e deformal-os segundo a sua imaginação.

Aquilo foi fechar um livro belo com uma chave de chumbo.

Mas o que parece estranho, é que, os que acompanharam Eça na sua vida literaria, não tivessem até agora deitado á publicidade um livro sobre o famoso escriptor. E tão altas individualidades lhe sobreviveram, que bem poderiam tel-o feito; Bernardo Pindela, Conde de Sabugosa, Guerra Junqueiro, Ramalho, Luiz Magalhães e outros. E estes, só estes, tinham o direito de falar sobre o formidavel estilista porque acompanharam-no, conheceram-no, adoraram-no.

E se o tivessem feito, talvez o sr. Theophilo Braga, não tivesse ousado escrever aquella miseravel pagina com que quiz fazer a *biographia* literaria do grande escriptor.

O JOGO E A SUA REGULAMENTAÇÃO

Voltou de novo á tela da discussão a magna questão do jogo.

E' assumpto «com dente de celho», como soe dizer se, quando se apresenta qualquer *bico d'obra*. Comprehendemos que não é facil legislar sobre tão *delicado* assumpto; mas, francamente, não percebemos porque se vae protelando a sua regulamentação, visto que ella é defendida quasi unanimemente.

Dar-se-ha, porventura, o caso de que qualquer phenomeno politico venha entrar a sua unica e natural solução?

Haverá, talvez, qualquer complicação diplomatica que *force* a não resolução do problema?

Não comprehendemos o criterio que preside a semelhante estado de coisas e que se torna tanto mais enigmático quando mais demorada for a deliberação do governo a tal respeito.

Porque se espera???

Se já chegámos ao ponto de se reconhecer oficialmente como mais proveitoso para o Paiz a regulamentação do jogo—e isso está provado pelas intenções do sr. Machado Santos quando recentemente foi ministro do interior, e, ainda ha pouco, em pleno Parlamento, pela proposta apresentada no Senado pelo sr. dr. Mario Monteiro (se não estamos em erro)—por que se vae adiando indefinidamente a resolução d'um problema que a todos—a começar pelo proprio Estado—importa ver solucionado sem mais delongas?

E' inexplicavel esse procedimento.

Se, ao menos, elle se pudesse basear no facto do governo tentar, uma vez mais, reprimir esse vicio, ainda se poderia tolerar essa demora. Não é, porem, essa a ideia dos Poderes Publicos, visto que não só aquele facto se não dá, mas porque continua consentida a exploração do jogo—que se está agora fazendo desenfreadamente—apenas mediante o pagamento d'uma contribuição que não está autorisada, nem regulada a sua cobrança.

Isto sobre sêr da mais flagrante immoralidade, é simplesmente espantoso!!!

Não pode o Governo alegar que não tem bases para solucionar a questão. Quando o sr. Machado Santos pensou em decretar a regulamentação do jogo vieram a publico, por intermedio dos jornaes diários, algumas informações que, evidentemente, denunciariam o estudo d'um projecto para

aquele effeito se não acrescesse a circumstancia de ter sido nomeada uma comissão especial para esse fim, e que, realmente, não sabemos se ainda existe, nem se já foi dissolvida, nem, tampouco, qual o resultado dos seus trabalhos. Todavia alguma coisa ella terá deixado ficar, porque as informações que vieram a publico eram sem duvida, baseadas sobre pontos que já tinham sido apreciados.

Além d'isso, sabemos que o sr. dr. José d' Athayde, illustre director da Repartição de Turismo, apresentou, quando se começou ventilando o assumpto, ao então Ministro do Interior que era o mesmo sr. Machado Santos, uma exposição já apreciada pelo Conselho de Turismo, em que eram mais ou menos concretisadas as bases em que se poderia regulamentar o jogo.

Onde param todos esses trabalhos?

Onde estarão esses preciosos subsidios que poderiam habilitar o ministro a tomar uma resolução?

A situação presente é que não pode nem deve continuar, por todas as razões e mais uma: a do decôr nacional.

E—extranha coisa—os paladinos da moralidade, que tanto barafustaram e

se increparam quando se manifestou uma intensa corrente a favor da regulamentação do jogo, enchendo as colunas dos periodicos para sophisticadamente defenderem a sua ideia, porque se calam ante a enormissima immoralidade que se está praticando e que nenhuma razão pode atenuar?

Pois, agora, é que é oportuno debater-se essa questão em todos os lugares; tanto mais que o Estado está indevidamente auferindo receitas cuja applicação se desconhece.

E' absolutamente urgente e necessario pôr a questão nos seus devidos termos, afim de que o Poder não possa ser acimado de tudo quanto o seu procedimento pode fazer suspeitar.

Se os dados que o governo tem já em seu poder não são suficientes para decretar a regulamentação do jogo—que agora como nunca, absolutamente se impõe—ou se não quer tomar a responsabilidade de o fazer só por si, que nomeie uma nova comissão—se é que a outra foi já dissolvida—para o estudo do assumpto, com cujo resultado se deve conformar e pôr em pratica.

Mas isto tem de se fazer rapidamente, para que se não prolongue por mais tempo o actual estado de coisas, que offende e enegrece o que mais sagrado devemos ter.

J. L.



SUISSA

A crise da gasolina

A crise da essencia para a combustão dos motores continua, ainda, na Suissa, a ser um assumpto de palpitante interesse.

Numerosas reunioes, officias e officiosas, se tem realisado para a solução do assumpto, e os conselheiros nacionaes foram convidados pelas grandes associações turisticas e desportivas e pelo syndicato dos agentes d'automoveis e das auto-garages para estudarem os meios de remediar a falta da gasolina.

E' bem certo que não só na Suissa se faz sentir essa falta. Ella é, por assim dizer, universal, não só pela deminuição da produção, como pelo acrescimo de consumo nos paizes belligerantes e, ainda, pela difficuldade dos transportes.

Todavia, a gasolina continua a entrar na Suissa em quantidade sufficiente para permitir uma embora restricta circulação d'au-

tomoveis; mas o chefe da divisão das mercadorias julgou prudente fazer paralisar, quasi por completo, o movimento automobilista, sem duvida por razões de pezo.

Esta questão é bastante grave, sob todos os pontos de vista, principalmente no que respecta á defeza nacional. E esta exige, por um lado, que se armazene o combustivel que se puder importar para o caso d'uma urgente necessidade. Se, porém, for ordenada uma immediata mobilisação geral, mais da metade dos carros-automoveis, pelo effeito da sua imobildade durante longos mezes, não poderão, certamente, ser utilizados com a rapidez desejada.

Ora, se a importação da gasolina continuar a deminuir cada vez mais, como se poderão atender ás urgentes necessidades da mobilisação? Como transportar as tropas que terão de se movimentar com celeridade? Como effectuar o muniçiamto, quer militar, quer civil?

«Eis o magno problema.

Afim de o resolver, fazem-se apelos a todas as inteligências suíças, para a descoberta de qualquer producto que substitua esse precioso liquido; e espera-se que os inventores hevelíticos descubram o remedio para tão grande mal. N'essa doce esperança prepara-se a realisação d'um congresso, onde por autoridades competentes sejam apreciados e examinados os resultados dos estudos n'esse sentido, para o melhor ser posto immediatamente em pratica, e assim se libertar a circulação automobilista das flutuações da importação da gazolina e das contingencias do momento.

Portugal, felizmente, adiantou-se na resolução do problema.

Duas descobertas foram manifestadas. Uma, do professor Almeida Lima, que parece não ter dado um completo resultado; outra, a *autolina*, do privilegio da Empresa Vaquinhas & C^a, que está substituindo perfeitamente a gazolina.

Oh! Não fossem os portugueses os primeiros... até na descoberta da «autolina»!

Um outro assumpto que tambem está occupando a atenção das pessoas que na republica hevelitica dão leis, é a facilidade de circulação nos caminhos de transitto publico e geral. E a tal ponto ele é considerado principal, que já em Genova se formou uma comissão extra-parlamentar, da qual fazem parte representantes da industria de transportes, para se regularisar d'uma forma completa esse aliás importantissimo assumpto.

E' tal a anarquia que existe no transitto, não só nas estradas da Suíça como tambem nas ruas das suas cidades, que não bastam os meios mais violentos para a reprimir. Por isso, as entidades interessadas acordaram com os poderes publicos em que era preferivel tentar educar o povo e ensinar-lhe, pela forma mais pratica, a maneira de circular com ordem e os perigos que assim evita.

Nesse sentido, foi expressamente instalado no Palacio de Justiça um «theatro» da circulação; e a seção do Automovel Club Suíço, em Genova, mandou tirar diversas photographias e executar diferentes quadros destinados á educação pela imagem. O Touring Club Suíço, secundando essa obra, fez passar um «filme» muito curioso, tendo, tambem, havido inumeras conferencias publicas, versando o mesmo thema.

Ora ali está como um assumpto que a muita gente passa despercebido, prende seriamente as atenções dos governantes d'um paiz de verdadeira ordem e trabalho. Para que este seja proveitoso, indispensavel é que aquella seja respeitada.

FRANÇA

A instalação dos «permissionnaires» Americanos

A instalação dos *permissionnaires* americanos continua sendo objecto de cuidado estudo por parte dos seus amigos francezes, que não perdem a mais pequena oportunidade para grangear a sympathia dos «yankees». A genial idea de proporcionar, na propria França, um repouso para os espiritos abatidos pelas canceiras da luta, um abrigo momentaneamente tranquillo para os corpos alquebrados nas duras provações d'esta mais do que pavorosa guerra, tem tido um acolhimento extraordinariamente entusiasta.

E isso é facil de explicar-se. Por um lado, trata-se de manifestar, por todas as formas e feições, o reconhecimento francez ao poderoso auxilio americano, na presente conjunctura. Fosse facto serio, por si só, motivo sufficiente para que os exercitos *yankees* em campanha no «front» fossem alvo das mais carinhosas demonstrações de estima.

Acresce, porem, um outro factor, muito a considerar, qual é o de se aproveitar, tambem, o ensejo para firmar sobre mais solidas bases, a amizade que, n'um proximo futuro, se ha de manifestar intensamente, pela preferencia dos americanos á terra onde actualmente os seus irmãos e os francezes se confundem na defeza da mesma causa.

Ora, essa preferencia traduzir-se-ha nas frequentes e consecutivas visitas dos americanos á França, onde deixarão o ouro que tanto lhe será preciso para restabelecer o equilibrio da sua situação economica, e que ella procurará atrahir com o poder magico dos seus multiplos recursos.

Para se fazer uma idea do que é a instalação dos «permissionnaires», americanos, basta dizer que eles vão ser alojados nos principaes hotéis das provincias mais apropriadas á cura pelo repouso; e como as instalações existentes não são suficientes, em quantidade, para abrigarem tão avultado numero de *hospedes*, outros se vão construir para esse fim.

Se em Portugal houvesse as qualidades que caracterizam os povos esportos; e se as coisas serias e que representam uma vantagem fossem previstas e cuidadas com o amor que é indispensavel á defeza dos interesses nacionaes, e não preteridas por meras questões de campanario; seria esta uma boa occasião de se pôr em pratica um dos mais proveitosos reclamos. Bastaria a nossa diplomacia e a nossa astucia para se conseguir que, pelo menos, uma parte minima d'esses numerosos *permissionnaires* aqui viessem refrescar, e restabelecer-se na doçura do nosso clima.

Quanto representaria para nós semelhante procedimento?

Ainda, mesmo, que d'ahi nos resultasse a imposição de quaesquer sacrificios, todos seriam sobejamente compensados pelas multiplas vantagens que nos adviriam n'um muito proximo futuro.

E cremos bem que da parte da França, não haveria nem podia haver relutancia alguma em anuir a uma combinação n'esse genero, visto que Portugal não lhe tem recusado um unico dos seus desejos.

Mas, desgraçadamente, no nosso paiz apenas se pensa em politica e se discute a magna questão dos «penachos», emquanto os outros aproveitam todos os momentos e todos os ensejos para se assegurarem do seu possivel progredimento e do seu maximo engrandecimento. Por isso, elles seguem o caminho da victoria, emquanto que Portugal... não sabe onde irá parar, pelo caminho que as coisas vão levando.

Ampliação das estações thermaes

Eis-nos em face d'uma outra questão de transcendente importancia para a economia franceza: a ampliação das estações thermaes. Ela representa, de per si, um factor de tão consideravel valor na situação da futura França, que a sua acção vem sendo objecto de larga preparação, d'uma incessante propaganda dos beneficios immediatos que d'ahi resultam, d'uma insistencia admiravel sobre as razões technicas e administrativas que são motivos mais do que suficien-

tes para se adoptar essa resolução. N'elas estão empenhadas: Repartição Nacional de Turismo, o *Touring-Club de France*, o *Automovel-Club de France*, o *Club Alpino Francez*, instituições que se impõem hoje a toda a França, não só pelo reconhecido valor da sua acção, demonstrada exuberantemente na presente conjunctura, mas, ainda, pela uniformidade de vistas e pela proveitosissima conjugação dos seus esforços.

Uma outra entidade tambem acaba de ligar o seu concurso a essa interessante obra, é a «Camara Nacional da industria hoteleira», que, embora de recente constituição, usufrue já das regalias que lhe competem pelo lugar que occupa como orgão d'uma das principaes forças viciaes da inequalavel industria de turismo.

Todas essas instituições, a que se juntaram os vultos mais em evidencia da medicina e da hotelaria thermal francezas, e, ainda, os que em França tem a concepção exacta e completa do que ella deve esperar da immediata organização de todas as forças indispensaveis para a utilização dos seus recursos naturaes e artificiaes, trabalham activamente para conseguir esse «desideratum».

E', porem, a resolução d'este assumpto, dependente de varios esforços, que todavia se estão congregando para o seu breve e completo effeito. Um d'elles e talvez o mais importante, e a propaganda—e sem ella nada se faz. Para isso delegados especies estão incumbidos de secundar pelos melhores meios a patriótica tarefa dos delegados das entidades interessadas junto das instancias officias, a fim de serem removidas as pequenas dificuldades que se antolham para a immediata realisação d'uma idea considerada de capitalissima importancia no futuro economico da França.

Mais detidamente n'um dos proximos numeros nos occuparemos do assumpto, que aos portuguezes deve merecer tambem uma especial atenção.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deverá dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

A «REVISTA DE TURISMO»

Em Hespanha vende-se nas bibliothecas das seguintes estações:

Madrid (Atocha), Madrid (Norte), Manzanares, Valdepenas, Ciudad Real, Zafra, Sevilla (Plaza de Armas), Sevilla (S. Bernardo), etc.